

A noiva bela e a noiva feia – argumentos para a evangelização da América Latina

Teresa M^a Leal de Assunção Martinho Toldy
UFP | CEEA
toldy@ufp.pt

Resumo

Com base em dois textos, um anónimo, o *Parecer de Yucay*, e outro de Bartolomé de Las Casas, *Doce dudas*, confrontam-se neste estudo diferentes legitimações para a evangelização da América Latina. Nestes textos encontramos duas visões antagónicas da relação com o outro, aquando das «descobertas» europeias, que marcaram e marcam ainda os conceitos e formas de classificar o diferente.

Abstract

This study is based upon two texts, one anonym, *Parecer de Yucay*, and another one of Bartolomé de Las Casas, *Doce dudas*, with two different legitimating for the evangelisation of Latin America. They present two antagonistic visions of the relation with the «other», in the «European discoveries», that marked and still mark the ways of classifying the “different one”.

Teresa M^a Leal de Assunção Martinho Toldy

Uma das questões lançadas na apresentação deste congresso rezava assim: “Como construímos os rostos do outro e reconstruímos o nosso próprio?” Pensar e repensar, hoje, o(s) “achamento(s)”, “encontro(s)” ou “desencontro(s)” pode passar, de facto, por aproveitar a ocasião para levantar questões, para se pôr em questão... Sabemos que o tema continua a ser polémico, apesar de muitas tentativas de “branqueamentos” de vários quadrantes...

O objectivo deste pequeno *paper* é organizar uma breve reflexão sobre a questão da alteridade ou diferença, e da semelhança, a partir de discursos de condenação e legitimação de uma evangelização associada à cupidez pelo ouro, apoiando-me, para tanto, sobretudo numa metáfora utilizada pelo *Parecer de Yucay*¹ e em algumas referências a um texto de *Bartolomé de las Casas*.

A escolha destas referências textuais nem é casual, nem se inscreve tanto numa linha de investigação histórica sobre Las Casas, quanto num ângulo de visão suscitado por algumas questões do domínio *ético*, nomeadamente, naquilo que na ética se relaciona com a memória como categoria associada à responsabilidade pelo passado e pelo presente. Faço frequentemente (sobretudo, na leccionação) experiência das consequências de um pensamento acerca do passado histórico que, em nome de uma adequação da maioria ao modelo de raciocínio dito “próprio da época”, tende a subalternizar ou ignorar as vozes discordantes. Ora, a polémica instalada em torno de Las Casas, da qual o *Parecer de Yucay* constitui apenas um de entre vários comprovativos, desvela a existência de uma poderosa voz crítica sincrónica com o momento analisado, de onde se poderá depreender a possibilidade de um outro olhar sobre o tema que nos reúne aqui.

De facto, reflectir, actualmente, sobre os acontecimentos de há 500 anos atrás é retomar fios que possam ajudar-nos a refazer a história dos vencedores, mas, acima de tudo, também a dos vencidos, permitindo-nos entrever nesta o paradigma para situar o nosso olhar numa linha que seja, também, autocrítica. Ignacio Ellacuría dizia, a propósito da

1. *El anónimo de Yucay frente a Bartolomé de las Casas. Estudio y edición crítica del Parecer de Yucay, anónimo (Valle de Yucay, 16 de marzo de 1571)*, ed. Isacio Pérez Fernández, Centro de Estudios Regionales Andinos “Bartolomé de Las Casas” – Cuzco, Perú, 1995. Agradeço a Frei Isacio Pérez Fernández a disponibilização deste texto, esperando não traír a sua expectativa de que eu não constituísse mais uma “detractora de Las Casas”...

“descoberta” de há 500 anos atrás, que os europeus não descobriram a América ou a África. Eles ocultaram-nas, queimaram-nas, destruíram-nas, arrasaram os seus valores culturais, a sua história, as suas expressões religiosas. Ora, na sua perspectiva, este processo teria sido revelador, não do mundo que eles encontraram, mas deles próprios: os continentes descobertos “descobriram” o continente conquistador, puseram a descoberto, tornaram visível, pública, histórica, a verdadeira face da Europa.² E talvez seja esta evolução explícita da Europa como “vontade de poder”, de dominação que torna difícil a visão e aceitação da nossa outra face...

Um dos maiores desafios colocados à história das relações entre os povos seria, então, aceitar o outro como outro. Não teremos, talvez, muita dificuldade em aceitar a diferença “folclórica” dos outros, mas parece que temos dificuldade em aceitar que as outras culturas, as outras “epopeias” históricas, as outras formas quotidianas de vida sejam tão importantes e decisivas para o futuro do mundo como as nossas. Desse ponto de vista, é possível que Eduardo Galeano tenha razão quando afirma que “a conquista continua” nas afirmações que reduzem o “indígena” a “um sub-homem, capaz de superstição, mas incapaz de religião, capaz de folclore, mas incapaz de cultura, capaz de artesanato, mas incapaz de arte”³.

A questão do encontro ou desencontro entre culturas passa, assim, pela tentação constante de reduzir o outro ao mesmo. A alteridade é experimentada como uma ameaça: a diferença é qualquer coisa que torna o “eu” incapaz de dominar o “outro”. Se o olhar do outro ameaça a minha liberdade, é melhor olhar do que ser olhado. É melhor procurar dominar o outro do que deixar-se dominar. Esta tentativa é desesperada, porque inalcançável. O outro é sempre um estranho a mim mesmo. Por isso, a impossibilidade de o “normalizar” leva à sua “demonização”: se não posso transformar o outro em mim mesmo, é porque ele é menos do que eu, é porque ele não é, pura e simplesmente.

Porém, este processo de “dizer” o outro, reduzindo-o a nada, “desdiz”, simultaneamente aquele que enuncia o discurso. Neste sentido, retomando as palavras de Ellacuría, poder-se-á perguntar se os

2. Cf. Ignacio Ellacuría, “Quinto Centenario de América Latina – Descubrimiento o Encubrimiento?”, in: *Revista Latinoamericana de Teología* 7 (1990), p. 271-282.

3. Cf. Eduardo Galeano, “L’altéride”, in: *Magazine Littéraire*, nº 296 (Fev. 1992), p. 54.

europeus, ao dizerem os não-europeus, não desdizem o seu discurso de pseudo-humanidade.

A demonização do outro ligada ao não reconhecimento do seu estatuto de pessoa humana está também presente em discursos de legitimação da evangelização forçada dos povos “achados”. Nestes, gostaria de destacar a metáfora da noiva bela e da noiva feia, apresentada no *Parecer de Yucaj*, texto escrito em 1571 e que constitui uma importante fonte de informação para as discussões em torno da ligação ou dissociação entre a evangelização e a colonização do Peru. Discute-se a autoria deste documento, parecendo existir indícios para a atribuir a García de Toledo, um frade dominicano, primo do vice-rei do Peru e contemporâneo a Bartolomé de las Casas.⁴ Aliás, o texto tem a preocupação explícita de combater apologeticamente as opiniões e posições de Las Casas.⁵, tendo sido encomendado por Francisco de Toledo, vice-rei do Peru, para demonstrar a legitimidade do domínio espanhol nas Índias.

A analogia entre os índios e uma mulher feia, assim como entre os povos europeus e uma mulher bela, foi utilizada, então, no *Parecer de Yucaj* para justificar a exploração das minas de ouro como “pagamento” para a evangelização dos índios. Deus ter-se-ia “comportado com estes miseráveis pagãos e conosco como um pai com duas filhas”. *Uma delas era pálida e bela e modesta, graciosa e encantadora, enquanto a outra era feia – remelosa, estúpida e cruel. Quando se tratou de as casar, não foi preciso dar um dote à primeira filha. Bastou sentá-la num palácio, onde os pretendentes disputaram uns com os outros, para saberem quem haveria de a desposar. Com a feia, preguiçosa, tola e desastrada, não houve nada a fazer senão atribuir-lhe um grande dote – muitas jóias, vestes ricas, sumptuosas e caras – e esperar a ajuda dos céus.*⁶

A primeira filha seria, então, a Europa, onde o cristianismo floresceu “naturalmente” porque ela é um continente mais belo e evoluído. A segunda filha representa as Índias: esta precisou de um bom dote – o seu ouro – para alcançar a evangelização, porque não possui qualquer

4. Para um visão geral desta polémica, cf. G. Gutierrez, *Las Casas: In Search of the Poor of Jesus Christ*, Maryknoll, 1993, p. 396 e notas respectivas.

5. Cf. *ibidem*, p. 396.

6. Cf. *Parecer de Yucaj*, fol. 16v. (ed. Fernández, p. 158).

interesse em si própria. Portanto, o ouro é o preço a pagar pela evangelização.

Esta metáfora, certamente chocante pelo seu descarado racismo e “eurocentrismo”, para utilizar as palavras de Gutierrez a este propósito⁷, é apenas um dos lugares no *Parecer de Yucay* onde se enuncia uma polémica acérrima contra Las Casas, como dizíamos, sobretudo, contra o seu texto conhecido como *Doce dudas*⁸, no qual se expõem as soluções de Bartolomé de Las Casas para as dúvidas de Bartolomé Vega relativamente à conquista do Perú. As dúvidas resumem-se no seguinte⁹:

- obrigação ou não de restituir as pilhagens cometidas nos primeiros tempos da conquista;
- opinião sobre os *encomenderos* que enriquecem a pretexto da evangelização, cobrando tributos desmesurados, dos quais vive toda a comunidade;
- problemas das minas e das riquezas encontradas nas sepulturas;
- opinião sobre as heranças do património dos incas;
- quem são os verdadeiros proprietários e senhores naturais do Perú?
- podem os espanhóis ter um direito de propriedade fundamentado numa posse de boa fé?

A forma como Las Casas responde a estas dúvidas revela uma lógica completamente oposta à do *Parecer de Yucay*. Para García de Toledo, a exploração das minas é o preço a pagar pela evangelização, encorajada pelo Papa e executada pelos reis espanhóis, seus fiéis súbditos, dos quais, os exploradores são apenas instrumentos: *Ainda não foi formulada uma justificação para explorar as minas de ouro e prata. É difícil de crer, depois de ter passado tanto tempo. Estas minas nunca tinham sido exploradas até aos dias de hoje. Ora, a exploração está a decorrer sob a orientação do nosso rei, que age sob influência do Espírito Santo e de uma acção particular de Deus, e com o encorajamento do Santíssimo Padre, que está cheio do Espírito Santo, como as suas*

7. Cf. Gutierrez, *Las Casas: In Search of the Poor of Jesus Christ*, Maryknoll, 1993, p. 425.

8. Fray Bartolomé de Las Casas, *Obras completas: 11.2. Doce Dudas*, ed. J.B. Lassegue, Madrid, 1992.

9. De acordo com o resumo de J. B. Lassegue, *ibidem*, p. XIV.

*próprias obras atestam,, como se exprime na Santa Liga que estabelecemos contra os inimigos da nossa fé católica.*¹⁰

Além disso, a “obrigação” de evangelizar os índios, baseia-se na pressuposição da sua condição inferior. Numa carta ao rei, o vice-rei, Francisco de Toledo, que terá encomendado o *Parecer de Yucay*, escreve: *que fique registado que estes nativos são gente em necessidade de que alguém tome conta deles. Ocorrem assuntos graves, que tocam tanto as suas almas, como os seus tesouros. Se ninguém os guiasse e governasse, perder-se-iam em todas estas matérias. E se não fossem os espanhóis que lá estão para lhes ensinarem a fé em Jesus Cristo, também não a perceberiam. Estariam enganados em tudo.*¹¹

Bartolomé de Las Casas, na sua obra já mencionada – *Doce Dudas* – equaciona a questão da presença dos espanhóis nas Índias a partir do reconhecimento da humanidade e autonomia dos índios, o que tem consequências profundas para a forma como ele encara a exploração das suas riquezas por parte dos europeus, mas também o “dever” ou não de os evangelizar. A forma como Las Casas coloca o problema logo na abertura do escrito é sintomática: o Perú é um grande reino. Antes de os espanhóis chegarem, os índios eram pagãos idólatras. Os *índios antes de os espanhóis chegarem ao Perú, nunca fizeram nenhuma injúria a qualquer espanhol, nem à Igreja de Deus, nem a qualquer cristão*¹². Os espanhóis foram ao Perú com o desejo de possuir muito ouro e prata e de enriquecerem. Entrados no Perú, encontraram um *senhor natural* daqueles reinos, de nome Athabaliba. Sem que este lhes tivesse feito qualquer mal, prenderam-no. Athabaliba prometeu-lhes determinada quantia em ouro se o soltasse e cumpriu o prometido. Mas, os espanhóis apoderaram-se do ouro e mataram-no. A *dúvida* que se põe é a de saber se e como o ouro deveria ser restituído.

Evidentemente que, nesta questão, não é só o móbil do ouro que está em causa. Nele torna-se patente toda a lógica de abordagem do outro como lugar de comunicação ou de usurpação. O 1^o Princípio enunciado por Las Casas diz o seguinte: *todos os infieis, de qualquer seita ou religião que sejam, ou por quaisquer pecados que tenham*

10. Cit. in: Gutierrez, *ibidem*, p. 423.

11. Cit. in: *ibidem*, p. 418.

12. Fray Bartolomé de Las Casas, *Obras completas: 11.2. Doce Dudas*, la Duda: De los thesoros de Caxamalca, ed. J.B. Lassegue, p. 23.

quanto ao direito natural e divino e àquele que chamam direitos das gentes, justamente têm e possuem senhorio sobre as suas coisas que adquiriram sem prejuízo de outro.¹³ Sendo assim, quem os furta ou rouba comete furto e rapina.¹⁴

Em seguida, Las Casas distingue os vários tipos de infiéis. Os índios não se encontram entre os três primeiros tipos identificados pelo autor – a saber, os infiéis que usurparam terras que eram de cristãos, os infiéis que injuriaram os cristãos e os infiéis que foram ou são súbditos do império cristão. Eles são pagãos com a sua própria concepção política, económica, jurídica, pelo que, dentro dos seus reinados, a nenhum rei do mundo, sem violar o Direito natural, é lícito sem licença dos seus Reis entrar e menos usar nem exercer jurisdição nem poder.¹⁵ Sendo assim, não existe qualquer motivo para a coroa e a missão espanhola pretenderem agir com os índios como com as outras três espécies de infiéis. A única coisa a fazer com eles é amá-los e trabalhar para os ajudar e salvar¹⁶.

De facto, diz Las Casas, se o Papado concedeu à coroa espanhola o primado e superioridade imperial sobre as Índias, foi por causa da pregação do evangelho e da dilatação da fé e religião cristã.¹⁷ Aliás, não é lícito usurpar os seus bens para os converter¹⁸ (repare-se na lógica oposta à do *Parecer de Yucay!*). Pelo contrário: *privá-los dos seus bens seria causa efficacíssima para perturbar todo o mundo e dar-lhes motivo de estimar a lei de Cristo e a religião cristã como injustíssima e ter-lhe um ódio gravíssimo e ao Rei do céu que a fundou por tirano e da linhagem humana inimicíssimo.*¹⁹ Mais, se os reis espanhóis quiserem cumprir o seu dever de espalhar a fé cristã, têm que ser eles a financiar o esforço, porque todo o fiel cristão é obrigado a confessar a fé pelos actos exteriores.²⁰ Com efeito, quem é devedor (da obrigação de evangelizar) são os evangelizadores e não os evangelizados. Foi aos primeiros que foi cometida essa tarefa constitutiva da sua identidade cristã,

13. *Ibidem*, p. 35.

14. Cf. *ibidem*, p. 39.

15. Cf. *ibidem*, p. 45.

16. Cf. *ibidem*, p. 49.

17. Cf. *ibidem*, p. 51.

18. Cf. *ibidem*, p. 53.

19. *Idem*.

20. Cf. *ibidem*, p. 56.

são eles que a devem ao seu Deus e não são os índios a dever-lhes seja o que for.²¹

Resumidamente, podemos dizer que o horizonte de reflexão do *Parecer de Yucay* é o da não-liberdade dos achados, sub-humanos, “noivas feias” que terão que apresentar dote até para poderem ser usurpadas, “normalizadas”, reduzidas ao semelhante, enquanto o horizonte de Las Casas é o da liberdade, que *não se vende nem se pode estimar por todo o ouro do mundo*, liberdade essa que o autor das *Doce dudas* define como *a faculdade ou seja a capacidade natural de fazer o que apetece a cada um, excepto se a força ou o direito o proibem*. Enquanto que, a escravidão é quando existe uma sujeição a qualquer poder, *contra a natureza*. E prossegue: *à liberdade, compete-lhe, antes de mais, consentir ou dissentir, a respeito de um Rei ou Senhor. Nessa determinação, os reis livres e os seus povos correm o risco da redução à servidão: por um lado, se os reis reconhecem um rei superior ao seu, isto resultar-lhes-á odioso e insuportável; por outro lado, os povos ver-se-ão obrigados a sofrer uma dupla e mais dura servidão.*²²

Ora, a servidão daqueles que a impõem e a servidão daqueles que a sofrem *constitui um máximo prejuízo para todos*²³, conquistadores e conquistados.

21. Cf. *ibidem*, p. 60.

22. *Ibidem*, p. 65.

23. *Idem*.